

D. JOÃO DE CASTRO

ELOGIO HISTÓRICO DO PATRONO DO

INSTITUTO MILITAR DOS PUPILOS DO EXÉRCITO *

José Fontes

Assistente do Departamento de Ciências Sociais e Políticas da
Universidade Aberta

Excelentíssimo Senhor Major-General Director do IMPE

Senhor Presidente da Direcção do Instituto D. João de Castro

Senhor Presidente da Direcção da Associação dos Pupilos do
Exército

Digníssimas Autoridades

Ilustres Professores

Caros Alunos

Minhas senhoras e meus senhores

Representa para mim uma grande honra ser convidado a participar nesta cerimónia do Dia do Patrono do Instituto Militar dos Pupilos do Exército, e as minhas primeiras palavras são, pois, de agradecimento pelo generoso convite e de felicitação por mais um dia de festa nesta Instituição de Ensino.

Neste dia tão importante para esta nobre Instituição que nos acolhe cabe-me, com muita honra, fazer o elogio histórico do seu Patrono – D. João de Castro. Dos muitos aspectos de que poderia socorrer-me, para publicamente o fazer, darei ênfase, se me for permitido, e porque me tocaram

particularmente às suas facetas de homem honrado e de carácter, de militar destemido e de cientista rigoroso, vertentes estas com que em muito contribuiu para o bem do seu tempo.

João de Castro, nascido em Lisboa em 1500, veio a morrer em Goa a 6 de Junho de 1548, junto de S. Francisco Xavier, o célebre missionário do Oriente, que dele um dia se queixou mas que, posteriormente, em muito o admirou.

Patrono do Instituto Militar dos Pupilos do Exército, que por divisa arvora a expressão: “Querer é Poder”, D. João de Castro foi uma personalidade superior e ímpar da aristocracia portuguesa e da portugalidade secular, que sonhou, quis e também concretizou.

Desprendido das honras e dos bens materiais e desconhecedor do errático respeito humano, este militar seiscentista navegou por mares outrora descobertos por seus irmãos portugueses e combateu por amor ao Reino e por filial devoção aos monarcas lusitanos.

É nos dias de hoje, quando o tempo corre depressa, que a História que todos conhecemos, e que nem sempre se repete, deverá ser relembrada para honrar o passado, os Heróis do Mar, a Nação Imortal, e para ajudar a viver o presente e a prospectivar o futuro.

Aqui perto, em templo sagrado, repousam os restos mortais do militar destemido e heróico, do cientista crítico, do Homem e político querido pelo povo que por mandato régio governou, do ilustre português cuja memória é perpetuada como Patrono desta instituição de ensino já quase secular.

* Intervenção proferida em 23 de Novembro de 2001 - Dia do Patrono do Instituto Militar dos Pupilos do Exército – em representação do Instituto D. João de Castro.

Diria, com agrado, que elogiar o heróico militar, o estadista, o diplomata e o patriota cuja grandiosidade o levou a morrer pobre e a pedir à Coroa portuguesa não para si mas para os seus subalternos, não será uma tarefa difícil tendo em conta a riqueza do *curriculum* deste nosso concidadão, que soube, como poucos, servir os interesses permanentes de Portugal.

D. João de Castro foi nomeado para Governador e Vice-Rei da Índia, em substituição de Martim Afonso, pelo seu glorioso passado, e pelas campanhas que sustentara já em África e no próprio oriente.

Para avaliarmos a grandeza da sua acção no oriente deve ter-se em consideração que, à época, Portugal não tinha aí qualquer posição política estável e as possessões ultramarinas orientais, situadas a muitos milhares de milhas de distância, estavam cercadas de problemas complexos, muitos deles gerados por pequenas potências vizinhas e por uma multiplicidade de reinos quase desconhecidos da metrópole.

Chegado à Índia em 1545, pela sua virtuosa austeridade, pelos sentimentos de justiça e coragem, conseguiu, na periclitante situação em que as nossas possessões imperiais se encontravam, restabelecer um pouco de ordem, de disciplina e de honradez, e atenuar a atmosfera de ódio e descrédito que os governos anteriores haviam criado com as suas desacreditadas acções.

Tal era a confiança que nele depositavam que quando quis organizar a esquadra militar que iria socorrer os sitiados de Diu, as Senhoras de Chaul lhe ofereceram as suas jóias para custear as despesas desta tão heróica e difícil empresa.

Quando necessitou de reconstruir a fortaleza de Diu, da qual restava apenas um punhado de ruínas, João de Castro, que segundo as suas próprias palavras: “*fora à Índia para servir e não para comerciar*”, viu-se na necessidade de

solicitar a Goa um empréstimo para essa construção e também para pagar aos soldados que tinham os soldos em atraso.

O empréstimo, de elevado montante, era de vinte mil *pardaus* e como penhor enviou o vice-rei as suas próprias barbas, em data que hoje comemoramos. Um mês depois, recebia D. João de Castro, do Senado de Goa, o dinheiro solicitado sendo-lhe devolvido, ao mesmo tempo, o penhor oferecido.

Orientado pela sua família para as Letras optou decididamente pela carreira militar, mas não esqueceu o gosto pela cultura e pela ciência e demonstra tal facto escrevendo os seus famosos *Roteiros* e passando a escrito o testemunho das suas aprofundadas investigações científicas.

Espelho desta importante relação o Instituto Militar dos Pupilos do Exército é um exemplo institucional inovador e muito actual de integração da formação do Homem nos seus aspectos científico-pedagógicos com a importante componente da formação militar, que releva e que fomenta, o espírito de colaboração, a rectidão da conduta, o sentido de responsabilidade e, como sabemos, a aptidão para a liderança e para o comando.

João de Castro foi também ousado no seu tempo. Quando o clima intelectual em que desenvolveu a sua acção estava polarizado por ideias fundamentalistas soube ser crítico e rigoroso, não se deixando influenciar por correntes doutrinárias que apenas valiam pela sua prolongada vigência temporal. Não vale a pena elencar casos actuais análogos, mas importa reconhecer que ainda nos nossos dias o ambiente intelectual da mesma forma que fomenta a investigação por vezes trava o evoluir do conhecimento.

Como cientista e investigador cito uma passagem de uma carta remetida ao seu Rei, a propósito das suas múltiplas descobertas:

“...tenho trabalhado quanto pude para entender, miudamente, o mistério das agulhas, de que os pilotos tanto se queixam (...) e afirmo a Vossa Alteza que até agora não foi ouvido nem imaginado algum segredo que nesta parte alcancei.”

D. João de Castro sentia-se, portanto, habilitado a contrariar teses anteriormente defendidas e a anunciar conclusões alcançadas tendo sempre por base as investigações desenvolvidas e o método experimental.

Com ele os navegadores aprenderam também a duvidar e a questionar conhecimentos transmitidos pelos clássicos.

A propósito desta sua faceta de cientista, permitam-me mais uma citação desta vez do historiador Luís Mendonça de Albuquerque, que a ele se refere nos seguintes termos:

“Se nos lembrarmos que a sua actividade se desenvolveu dentro da primeira metade do século XVI, quando se estava ainda longe do entusiástico mas teórico livro escrito por *Francisco Bacon* em louvor do método experimental, não podemos deixar de considerar D. João de Castro como uma das figuras exemplares da Ciência renascentista.”.

Também D. Manuel do Cenáculo Vilas Boas, na sua obra *Cuidados Literários do Prelado de Beja*, refere-se a D. João de Castro como um ilustre estudante da Universidade de Lisboa. Prova tal facto com a Oração de Sapiência proferida por André de Resende, em 1534, na qual este humanista nos deixa um legado panorâmico-científico desta vetusta Universidade, concluindo que nela se habilitaram

“...os sagazes descobridores de novos climas: (entre outros) João de Castro para escrever a Navegação do Suez e os famosos Roteiros.”.

Foi um didacta e um cientista rigoroso, tendo dado um impulso importante, designadamente, ao conhecimento do magnetismo terrestre e foi pioneiro no acreditar que a experiência é essencial para o evoluir da Ciência.

D. João de Castro ao concluir pela relevância do método experimental para progresso do conhecimento da natureza tem lugar como pioneiro da ciência moderna.

Noutra vertente; a CPLP - Comunidade de Países de Língua Portuguesa é um forum internacional cujo projecto se iniciou com os descobrimentos dos territórios que integraram a jurisdição do Império, e que teve também como causa próxima a realização dos dois históricos Congressos das Comunidades de Cultura Portuguesa, cuja iniciativa se fica a dever à visão estratégica de Adriano Moreira.

O projecto iniciado há alguns séculos de uma união de povos com culturas diferentes mas valores semelhantes, de humanismo e respeito pelas diferenças culturais, encontrou também em D. João de Castro um percursor e um fiel intérprete. Soube, junto de gentes diferentes, reconhecer a importância das diferenças e encontrar na palavra Portugal o denominador comum para fazer, de forma diferente, uma comunidade de povos ligados ao nosso país.

A empresa, de séculos atrás, que Portugal conduziu com o “achamento”, na expressão de Gilberto Freyre, de territórios fora do continente europeu permitiu-nos alcançar o presente século com uma comunidade alargada de povos e países com ligações seculares a Portugal e aos portugueses.

Sem complexos podemos reafirmar, como Fernando Pessoa, que a língua portuguesa é uma pátria, e que esta CPLP, pátria de muitas nações, deve ser uma forma melhorada no seu tempo de dar voz internacional a um conjunto de países que, isolados, pouco representam no concerto internacional das nações.

Não se trata de apelar a correntes lusitanistas ultrapassadas, como modos específicos de ser e sentir dos portugueses.

Há já alguns séculos que a língua portuguesa deixou de ser património exclusivo de Portugal e dos portugueses para ser comum a um conjunto vasto de povos e nações.

A lusofonia não pode ser encarada como a qualidade de se ser português mas antes como a qualidade de quem fala português e encontra na língua uma pátria, e lusófono será todo aquele cidadão que na língua portuguesa encontrar uma comunidade fraterna de irmãos com valores semelhantes e comuns.

Há por certo portugueses que antes de se considerarem europeus se consideram ligados a África e ao Brasil, a Goa e à Índia portuguesa ou a Timor e, portanto, ao Lusomundo.

Da mesma forma, existirão pessoas que se encontram nestes territórios, anteriormente sobre jurisdição e soberania nacional portuguesa, hoje independentes ou integrados em soberanias distintas, que se continuam a sentir unidos filial ou fraternalmente a Portugal. Trata-se tão só de conciliar a realidade jurídico-internacional formal com as boas razões da afectividade que tanto contam na relação entre os povos do mundo.

Tal como D. João de Castro, insigne português, que é já hoje uma ilustre e exemplar personalidade da lusofonia soube governar respeitando as diferenças culturais dos diferentes povos oxalá saibamos, através da CPLP, integrar as diferentes comunidades de língua portuguesa numa organização internacional pluriestadual que respeite a multiculturalidade destes povos.

João de Castro, nos tempos difíceis em que viveu, conseguiu ultrapassar um conjunto de constrangimentos de diferente natureza o que lhe permitiu ter uma visão para além do evidente e prospectivada para o futuro.

A actualidade de D. João de Castro é assim evidente se olharmos que este português actuou e marcou uma época onde os valores que defendeu e exerceu são ainda hoje exemplarmente seguidos por este estabelecimento de ensino. Que perdure este exemplo, estou certo, é também o desejo de todos.

Por fim, ao Instituto Militar dos Pupilos do Exército, que beneficia pelo facto de por Patrono ter esta personalidade singular da nossa História, desejo, como cidadão português, ficar grato pela perpetuação, que até aqui tem feito, da memória deste ilustre nacional, notável pelos seus feitos militares, pela sua nobreza de carácter, pelo rigor das suas contribuições científicas e exemplo de português que aspirou sempre a superar-se.

Muito obrigado.

Lisboa, 23 de Novembro de 2001

Dia do Patrono do Instituto Militar dos pupilos do Exército

Bibliografia

ALBUQUERQUE, Luís – *Descobrimentos e o progresso científico dos portugueses no século XVI – D. João de Castro*. Academia Internacional da Cultura Portuguesa. Boletim n.º 1/1966. Lisboa

ALMEIDA, A. Duarte – *Portugal de Além-Mar*. Documentário Histórico-Geográfico das descobertas, conquistas e colonização dos portugueses. Colecção Portugal Histórico. João Romano Torres & C.ª. Livraria Editora. Lisboa. 1936

MOREIRA, Adriano – *Almirante Sousa Leitão*. Policopiado.

SERRÃO, Joel - Dicionário de História de Portugal. Livraria Figueirinhas. Porto. Volume II.

História de Portugal – Edição Monumental da Portucalense Editora. Porto.

VERBO – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. 4.º Volume. Lisboa.